

## O lobo e a lua

*José Costa D'Assunção Barros* \*

Professor-Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História; Professor-Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Na área de Literatura, publicou o livro de contos “O Averso do Pau-de-Arara” (editora Achiamé) e o romance “Desacordados” (Amazon).

 <http://orcid.org/0000-0002-3974-0263>

**Recebido** em: 04 abr. 2021. **Aprovado** em: 17 abr. 2021.

**Como citar este artigo:**

BARROS, José D'Assunção. O Lobo e a Lua. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 274-278, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8364596>

A Lua, de tão bela  
luminosa e clara  
entristece o lobo  
que por isso chora  
seus uivos na madrugada

Uiva a melancolia  
que emana da consciência  
de se saber irremediavelmente distante  
do resplandecente objeto amado

Uiva porque sabe que a Lua é inatingível  
e que seus clamores por ela  
sequer serão ouvidos

---

\*



[jose.d.assun@globomail.com](mailto:jose.d.assun@globomail.com)

Uiva porque é da natureza da Lua  
ignorar o Lobo  
que no entanto a ama

(e é precisamente este amor  
que lhe arde  
como uma chama)

Até hoje não se explica  
porque o Lobo entoia  
tão solitário e doloroso canto ...

? Mas será mesmo um canto  
esse que, vertido em vento,  
percorre a madrugada  
sem nunca atingir destino,  
– sem consumir momento –,  
e que, profundamente triste,  
não se define contudo em pranto?

? Será mesmo um canto  
esta ponta de sabre branco  
que as invadindo por dentro  
corta as almas em dois instantes?

Ou quem sabe este uivo, que nos assombra,  
será mesmo um grito  
desses que, do alto de uma ponte,  
e de dentro de um quadro  
(sem precisar de som)

estende-se ao infinito ...

? Mas como será um grito  
esse que todas as noites se repete  
insistente como um rito?

? Não será então uma senha  
oculta em Lobo  
para que todos saibam  
do seu devotado amor  
por tão irresistível objeto  
— por esta eterna fonte  
luminosa de desencanto?

Canto, grito ou senha  
(pranto, rito ou chama)  
não é o Lobo que faz o uivo  
mas é o uivo que faz o Lobo  
e quem faz o uivo é a magia  
que lhe revolve o oceano  
(a mesma que, na maré que dentro mexe  
o coração lhe deixa insano)

\*

Mas se o Lobo se transfigura

na dor, que é seu próprio canto,  
a Lua permanece a mesma  
branca, perene, eterna  
amada em seu congelado encanto

Há de pairar como um poema  
sobre os mares que então remexe  
sobre os amores que não governa  
— lado escuro do seu mistério —  
sobre os lobos que lhe pressentem

Enquanto isso os cientistas a observam,  
os astronautas pousam nas suas montanhas

Percorrem as suas crateras  
— a Lua se faz notícia —  
guardam amostras do seu branco  
invadem seu doce ventre:  
conquistam-lhe as entranhas

Depois se vão, saciados,  
singrando os sete céus  
sem saber que sequer tocaram  
sua alma de sete véus

Somente o Lobo, talvez entenda  
seus mais íntimos segredos  
e a natureza do seu branco.  
Mas prossegue, noturno e triste,  
sem que saibam por quem chama

Aqui, do meu confortável canto  
cresce a vontade de sair à floresta  
para me solidarizar com o Lobo:  
amigo, eu o compreendo  
também eu tenho a minha Lua  
por quem sonho e por quem canto ...  
também eu sei que nunca atingirei  
seu precioso encanto

E no segredo deste instante  
eu e o Lobo somos irmãos  
de todos os que amam.  
A mesma floresta, o mesmo oceano  
formam este amor que agora arde  
e que nos corta como uma chama

Eterna Amada,  
de tão bela,  
luminosa e clara  
você me entristece ...